



PRÁXIS REFLEXIVA COMUNICACIONAL E CONFIGURAÇÕES SOCIAIS TRANSFORMADORAS

Efendy Maldonado¹

Unisinos

A conjuntura histórica situa-nos numa encrucilhada de crise e de passagem singulares. Assistimos ao começo do fim de outro império, o mais poderoso e destruidor da história da humanidade: o *imperialismo norte-americano estadunidense*. Nele concentram-se fatores paradigmáticos do desenvolvimento tecnológico e científico, das configurações de poder global, das construções de *fortalezas de conhecimento*, dos sistemas *midiáticos*, dos complexos militares industriais, da confluência de culturas, das exclusões sistêmicas e de variadas retóricas mundiais. Este texto reflete sobre a necessidade da construção de movimentos sociais intelectuais de transformação e enfatiza a respeito do valor estratégico da construção de comunidades científicas na América Latina vinculadas aos projetos de construção de um *mundo pós-capitalista*.

Fluxos multiculturais: reconfiguração dos contextos

Vinte e cinco anos de políticas neo-liberais na América Latina têm configurado um quadro de involução socioeconômica agudo. A *cultura da violência*² mostrou suas facetas mais degradantes da condição humana: genocídio (Argentina, Guatemala, Perú, El Salvador, Colômbia, Nicaragüa e Panamá); destruição da institucionalidade democrática (Chile, Uruguai, Porto Rico, Granada, República Dominicana, Equador e Bolívia); agressão intensa

¹ Professor pesquisador do PPGCC-Unisinos, coordenador do Grupo de Pesquisa *Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção*. alefma@icaro.unisinos.br.

² Brasil teve 40 mil mortos em 2001 como resultado da *cultura da violência* (*Folha de São Paulo* 18/3/2002); Brasil 23 milhões de mendigos no ano 2000 (*Jornal Hoje, Rede Globo* 8/3/2000); Brasil: as 500 maiores empresas brasileiras gastaram 2,8 bilhões de dólares em segurança patrimonial e 18 milhões em filantropia (1997) [Kanitz, *Veja* 25/5/1998]; Brasil: terceiro país em homicídios do mundo [sexta pesquisa de criminalidade da ONU, ano 2000: 212,9 assassinatos por cada 100 mil habitantes no Brasil, a média do *Terceiro Mundo* foi 24,9 e em países com baixos índices Polônia 1,03 e Irlanda 2,08; Equador 8 milhões de pobres de 12 milhões de habitantes (*El Comercio(Quito)*, editorial 8/3/2000).



aos ecossistemas naturais (EUA o maior poluidor de América e do mundo, negou-se a assinar o *Tratado de Kyoto*); terrorismo de Estado que financia e financiou as principais forças de corrupção, narcotráfico e repressão do continente: Fujimori [Perú], Menem [Argentina], Paramilitares e militares [Colômbia], Contra [Nicarágua], Carlos Andrés Pérez [Venezuela], Noriega [Panamá], Duvalier [Haití], Pinochet [Chile], Colorados [Paraguai] e Banzer na Bolívia.

O impacto dessas lógicas de exclusão e destruição humana gerou um fenômeno amplo e intenso de *êxodo*, dezenas de milhões de latino-americanos emigraram, principalmente na década de 1990, como resultado da aplicação das estratégias neo-liberais de empobrecimento, desemprego e exclusão. Os “*condenados da Terra*” (lembrando a Fanon) avançaram sobre os territórios do *Primeiro Mundo*, tanto Europa quanto EUA, para inícios do século XXI as remesas destes migrantes para suas famílias na América Latina alcançaram a importante soma de 20 bilhões de dólares (USA), 10 % desse monto flui para o Equador, país que tem como segunda fonte de renda esses envíos só superados pelo petróleo.³ Uma significativa parte da população tranfiriou-se de seus lugares de origem para outros contextos dentro dos seus próprios países (campo/cidade; estados pobres/estados ricos) ou migrando para outros, considerados como pólos de desenvolvimento.

Em termos culturais/simbólicos isto provocou uma reconfiguração de identidades, um choque de imaginários e uma reformulação de valores, pertencças, costumes, nexos e matrizes culturais. Os membros das comunidades, tribos ou fragmentos familiares, em situação de êxodo, experimentam um cataclismo simbólico sensitivo paradoxal na sua imersão em sociedades fortemente *mediatizadas*, nas quais os sistemas simbólicos dependem fortemente das grandes indústrias midiáticas. Os “*sudacas*”⁴ na Europa ou os “*latinos/hispanos/afro*” nos Estados Unidos inter-relacionam-se, vinculam-se, alfabetizam-se nas formas de viver dessas sociedades com a participação crucial da mídia. Telejornais, programas de auditório, musicais, ficção seriada, filmes, programas de opinião e publicidade envolvem seu cotidiano transformando sua cosmovisão, seus objetivos produtivos, suas sensibilidades, seus sonhos, suas competências socioculturais e o conjunto de suas vidas.

³ Relatório BID/Banco Mundial 2001.

⁴ Termo racista, excludente e segregacionista para nomear as pessoas de origem Sul-americana na Espanha.



A pesquisa em comunicação no Brasil e na América Latina, durante as três últimas décadas, têm constatado a crucialidade e centralidade do *campo midiático* na articulação dos grupos humanos em fluxo para distintos contextos socioculturais.⁵ A expressiva mudança da maioria de nossas populações de *rurais* em *urbanas* e *glocais* estabelece um elemento contextual importante para compreender o por quê as transferências e reconfigurações de contextos são possíveis e permitem a sobrevivência de pessoas das classes populares e médias latino-americanas na Europa Ocidental e Estados Unidos. Hoje é um fato histórico comprovado que os *processos de midiatização* intensos, nas duas últimas décadas do século XX, na América Latina, estruturaram *dimensões culturais simbólicas* adequadas para a instrução das populações nos *modos de vida ocidentais* capitalistas; sem essa fase prévia de inserção na *cultura produtiva* capitalista, os indivíduos e grupos sociais migrantes não teriam as competências, as astúcias, a capacidade de jogo e os movimentos táticos que demonstram nos seus deslocamentos em territórios sistêmicos do *Primeiro Mundo*. Os processos econômicos, sociais e culturais que configuram o estranhamento vital dos exiliados econômicos, articula-se de maneira substancial no *biosmidiático* (Muniz Sodré: 2002) do conjunto de ambientes, subsistemas, microformações e modos de comunicação.

O contraponto histórico dessas distintas condições de existência na contemporaneidade é a aceleração e intensificação dos nexos, vínculos e contatos entre grupos, comunidades e pessoas, que nas situações anteriores à *midiatização informacional* não contavam com suportes técnicos, nem competências culturais, para estabelecer fluxos e construir *dimensões comunicacionais* com interconexões em muitos pontos do mundo.

Midiatização e tecnoculturas

O desenvolvimento na última década das *redes digitais multimídia*, sintetiza as competências tecnológicas alcançadas pela eletrônica e a informática que ofereceram para o campo da comunicação suportes de realização midiática cada vez mais flexíveis e complexos.

⁵ Efendy Maldonado, *Teorias da comunicação na América Latina (...)*; Néstor García, *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*; Denise Cogo, “*Multiculturalismo e campo midiático: “narrativas” sobre as identidades nos 500 anos de Descobrimento do Brasil*”; Antônio Fausto Neto, *Ensinando a televisão*; Pedro Gilberto Gomes “*A ética da comunicação desde uma perspectiva comunitária*”; Jesús Martín Barbero *Oficio*

Não temos condições de pensar, planejar, programar, compreender e interpretar os processos comunicacionais atuais sem uma problematização dos processos de *mediatização*.⁶ Os meios de comunicação industriais funcionando como grandes emissores de mensagens são confrontados com a existência de redes digitais, nas quais as possibilidades de construção multimídia de hipertextos que combinam vários suportes e linguagens numa articulação informacional são uma realidade constatável nos dias de hoje.

A complexidade das *formações sociais*, nos inícios do século XXI, caracteriza-se pela presença central configuradora do campo midiático que gera dimensões reformuladoras do mundo: *semiosferas*⁷; *tecnoesferas*⁸ e *biosmidiático*⁹ são metáforas e argumentações que expressam fortemente a mudança sociocultural contemporânea.

As revoluções tecnológicas dos últimos duzentos anos¹⁰ permitiram configurar *modos de vida social* organizados em sistemas e redes, cada vez mais vinculados com as estruturas eletro-eletrônicas-cibernéticas e midiáticas, especialmente nas sociedades desenvolvidas do hemisfério norte, de ocidente e as formações sociais industrializadas do *Terceiro Mundo*. Com efeito, a *mundialização* econômica-política, e as estratégias de hegemonização que a inspiram e orientam, só foi possível pela estruturação de *sistemas tecnológicos inteligentes* (informática e cibernética) que acompanham e sustentam as estratégias de controle e poder mundial.

Nesse contexto as *indústrias culturais*, os designados como meios massivos de comunicação, vão transformando-se em parte central do processo de *mediatização* no último quarto do século XX; a *informatização* dos processos de produção, emissão, circulação e recepção de mensagens, paulatinamente, permite a estruturação de sistemas *multimídia*. A brilhante configuração da Internet em 1992 por uma equipe de pesquisadores universitários, de vários países, impediu a *privatização* desse *espaço/tempo* digital em mãos das grandes

de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura; Octavio Ianni *Enigmas da modernidade-mundo*; Armand Mattelart, *Geopolítica de la cultura* e Ronaldo Henn, *Os fluxos da notícia*.

⁶ Abordagens instigantes sobre a problemática da *mediatização* encontramos na coletânea **Mídias e processos socioculturais**, São Leopoldo: Ed.Unisinos/PPGCC, 2000. Na qual Suely Frago, Denise Cogo, Antônio Fausto Neto, Efendy Maldonado, José Luiz Braga, Pedro Gilberto Gomes e João Pissara Esteves problematizam as configurações midiáticas contemporâneas.

⁷ Daniel Bounoux, *Introdução às ciências da comunicação*, p. 49-98.

⁸ Milton Santos, *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico, científico e informacional*.

⁹ Muniz Sodré, *Antropológica do espelho*, especialmente o capítulo sobre *Ethos midiático*, p.

¹⁰ Armand Mattelart. *A invenção da comunicação*, Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

transnacionais da informação ou do complexo militar industrial estadunidense.¹¹ É interessante constatar como, o senso comum e as retóricas midiáticas, outorgam essa invenção as redes de controle, restritas e inferiores, do *Pentágono*.

O processo histórico de *midiatização* está profundamente vinculado à *informatização* das sociedades,¹² fenômeno que se desenvolveu dinamicamente no contexto das empresas na década de 1980 e que teve sua configuração social expandida no seguinte decênio. Para os *movimentos sociais* esta conjuntura vai ser paradoxalmente fortalecedora, os *modos de comunicação e informação* não massivos já têm possibilitado e permitirão continuar com o surgimento de redes de solidariedade, politização, reinvenção cultural, produção de conhecimento e crítica organizada do *globalismo* hegemônico.

As *tecnoculturas midiáticas* tornaram possível o início da estruturação de meios de comunicação subalternos com ampla distribuição de bens simbólicos. As produtoras radiofônicas, discográficas, televisivas, videotécnicas e editoriais produzem mensagens para milhões de pessoas paralelamente à mídia industrial e transnacional. O importante é que com a *flexibilização produtiva*, que as novas tecnologias permitem, já não é necessário montar uma indústria para gerar mensagens a milhões de pessoas; a pesar desse fenômeno estar ainda em estágios iniciais, a potencialidade das novas condições midiáticas manifestam-se como um fator crucial e estratégico de reformulação cultural.

Os projetos históricos de *comunicação popular e alternativa* na América Latina, que contribuíram para a fundamentação de teorias e práticas significativas no campo comunicacional; reestruturaram-se, reinventam-se, reiniciam-se e reaparecem constituindo um fermento rico de transformação. O desafio histórico político comunicacional situa-nos numa encrucilhada de possibilidades poucas vezes oferecidas para as mudanças. A pesar disso, esse potencial não terá realizações estratégicas profundas se não se combinam condições sociotecnológicas favoráveis com a organização de práticas reflexivas, fundadoras de pensamento e conhecimento sociopolítico no conjunto das comunidades culturais do Brasil e

¹¹ Constitui motivo de grande alegria para a humanidade a formulação, com dois anos de antecipação, por outro grupo de pesquisa universitário, da rede completa de nexos entre os elementos do cógico genético humano, derrotando novamente as pretensões de *privatização do conhecimento* científico sobre o mapa genético; os traficantes da saúde e a vida terão que buscar outros nichos para lucrar.

¹² Adriano Duarte Rodrigues, “*As tecnologias da informação*”, in A. Rodrigues, *Comunicação e cultura (...)*, p. 187-226.

da América Latina.¹³ É preciso juntar potencialidades tecnoculturais com pensamento político transformador sólido; na época em que o capitalismo alcança o topo de sua abrangência mundial observamos, simultaneamente, sintômas do início de sua crise estratégica global como modelo de funcionamento econômico-político.

A quebra da ilusão de um *capitalismo progressista, sem atritos*, foi acontecendo até nos centros produtores de estratégias que buscam dar continuidade ao modelo; constata-se como importantes *fortalezas de pensamento* nos centros hegemônicos estão convictas de que o mundo não tem saída no atual esquema do *globalismo de extorsão*¹⁴ e do *fundamentalismo de mercado*. Hoje importantes credores das dívidas do *Terceiro Mundo* reconhecem que o modelo está no limite, sugaram centenas de bilhões de dólares das nossas economias, principalmente nas últimas décadas. Foi assim como imensos recursos das sociedades latino-americanas foram apropriados pela voracidade especulativa, comprometendo a existência mesma das estruturas sociais capitalistas em vários países. Nos anos 1990 foram paradigmáticas as crises do México, dos *Tigres Asiáticos*, da Rússia, do Japão e nestes dois últimos anos é sintomática a desestruturação da Argentina.

Projeto geopolítico de democracia imperial informacional

As *redes digitais* que a pesquisa universitária mundial tem construído, quebrando a lógica mercadológica do *lucro* e a pretensão de *controle totalitário* do mundo constituem um recurso estratégico fundamental para *humanização socialista* e a confluência desestruturadora do poder hegemônico das *transnacionais* vinculadas com a *democracia imperial unilateral*. As dialéticas contemporâneas mostram o como o *complexo militar industrial* estadunidense, no seu narcisismo omnímodo, não consegue vislumbrar as reconfigurações socioculturais, políticas e intelectuais que vão pensando, experimentando e

¹³ É configurador nesse sentido a tese de Inesita Araújo *Mercado simbólico: interlocução, luta, poder*, para esta reflexão especialmente o capítulo 2 “*Contexto estratégico*”, p. 87-115.

¹⁴ São esclarecedores, nesse sentido, os casos argentino, equatoriano, venezuelano e boliviano. No contexto mundial George Soros, “*Uma crítica da economia*”, “*O sistema capitalista global*”, in *A crise do capitalismo global (...)*, p.58-74 e 169-203 traz elementos relevantes para redefinir as concepções econômico-políticas atuais. Não é gratuito que a *Open Society*, a Fundação Rokefeller, a Fundação Ford e os principais centros estratégicos estadunidenses de ciências políticas, sociais e comunicacionais estejam apropriando-se e sequestrando a palavra **transformação**. Já o fizeram anteriormente com *democracia, revolução, liberdade e justiça*. Cabe-nos mudar essa história.



ensaando formas de vida diversas ao *american way of live*. Todo o imenso sistema informacional *imperialista* é extremadamente pequeno em termos éticos, filosóficos, culturais e sociais se comparado às culturas renovadoras do ser humano e a centenas de culturas milenares em distintos pontos do planeta. Que insignificantes, ridículos, ínfimos e degradados resultam os guerreristas, os aniquiladores dessas culturas se comparados com o valor e a grandeza espiritual das pessoas comuns, críticas e opositoras da lógica genocida.

A *informatização* e a *midiatização* do planeta, como um processo heterogêneo e diverso configurou, simultaneamente, as condições para o surgimento de *movimentos internacionalistas* de solidariedade e construção de novas globalizações, seguindo a lógica do bem-estar humano e da justiça social.¹⁵ Novas lógicas transformadoras exigem esforços contínuos e imaginativos para dominar competentemente a *lógica instrumental*, superando-a mediante o desenho de novas estratégias de pensamento que formulem argumentos *para-consistentes* ao instrumentalismo dominante.

Isto requer a construção de condições básicas para a estruturação de *comunidades de comunicólogos*, que pesquisem a transformação e formulem estratégias para a mudança radical do mundo capitalista. Estamos falando da reflexão sistemática, como metodologia e epistemologia da *práxis*, que nutrindo-se da experiência dos movimentos culturais, políticos e sociais mais dinâmicos e aprofundados traga para o campo da comunicação elementos cruciais da dinâmica histórica para contribuir na qualificação científica e na mudança social.

O senso científico necessita ir retomando os saberes milenares de distinto tipo, não para reproduzi-los como senso comum e sim para reformulá-los como *saberes estratégicos*, que permitam superar a limitação tática e espontânea das confluências atuais. Sem *fortalezas de conhecimento*, sem pesquisa tecnológica e sem comunidades de cientistas trabalhando numa perspectiva *humanista transformadora* as hegemonias atuais continuarão usurpando os bens naturais, culturais e sociais de grande parte da humanidade. A lógica do *lucro*, a religião do *capital*, o modelo de *democracia imperial* começa a mostrar sua verdadeira face para amplos setores nos países europeus e nos próprios Estados Unidos, questionando inclusive às

¹⁵ Neste sentido são decisivas as argumentações de Milton Santos, Noam Chomsky, Octavio Ianni e Melea Benjamin, como autores que fundamentam o *internacionalismo do século XXI* em contraposição ao *globalismo totalitário estadunidense* e as formas infantis de crítica agrupadas no *anti-globalismo*. Sobre Chomsky e Benjamin consultar as conferências no II e III Fórum Social Mundial, de Ianni op. cit. neste texto.



elites políticas da França, Alemanha e Rússia. A ruptura do *unilateralismo* pode criar condições muito interessantes para a transformação do mundo.

O projeto geopolítico de *democracia imperial informacional*, o *globalismo*, ao apresentar-se como superpoderoso manifesta, ao mesmo tempo, suas carências e a impossibilidade de lidar com a diversidade. Expressa, por outro lado, a sua ignorância extrema sobre as cosmovisões, potencialidades e competências dos povos excluídos da Terra. Vinte anos de euforia informacional têm sido suficientes para compreender os limites estratégicos do modelo imperial. A diferença de décadas atrás, a crise apresenta-se para economia estadunidense num momento histórico em que com a existência da União Européia, Brasil, Índia, Sul-África é possível mostrar para o *Terceiro Mundo* que são factíveis construções e caminhos de alternativas sociais e políticas ao modelo EUA.

Confluem para a entropia hegemônica o crescente déficit da economia estadunidense, os altíssimos custos dos investimentos militares –que na União Soviética já demonstraram seu caráter destruturador–, o favorecimento ao capital especulativo e o fundamentalismo de mercado, criticado pelos próprios estrategistas ao interior do capitalismo.¹⁶ Agrega-se o fato de que a política de Bush filho vai intensificar a tendência excludente dentro dos próprios Estados Unidos, gerando maior insatisfação e violência nos setores médios e populares desse país; a lógica da exclusão para os *falcões* é concebida como “*mandato divino*”, outro aspecto extremadamente grave, que debilita importantes aspectos democratizantes presentes historicamente na formação social estadunidense.

A derrota diplomática do governo Bush no Conselho de Segurança da ONU, sua ação agressora e genocida que desencadeou a invasão de Irak, provocou um nível de mobilizações internacionais fortíssimo nos cinco continentes. De forma paradoxal, Bush e seu grupo mostraram-se como um dos maiores agitadores da história, já que a realização da *guerra preventiva* mobilizou a centenas de milhões de pessoas e provocou a rejeição de miles de milhões. A ocupação militar do Irak desprestigia, cada dia que passa, à sociedade

¹⁶ George Soros, *A crise do capitalismo global: os perigos da sociedade globalizada (uma visão crítica do mercado financeiro internacional)*. Este livro, escrito por um dos maiores capitalistas financeiros do mundo, é ilustrativo dos limites fundamentais do projeto capitalista nas dimensões culturais e sociais; contradição irresolúvel demonstrada por Karl Marx e constatada reiteradamente pelos principais fundadores flexíveis do sistema capitalista contemporâneo.



estadunidense e aos seus governantes, nessa linha a própria CNN transmite semanalmente as “trapalhadas” e a bestialidades das tropas e dos mandos estadunidenses no Irak pós-guerra.

As várias redes norte-americanas (EUA) transmitiram o histórico fraude nas últimas eleições para presidente dos Estados Unidos, mecanismo com o qual foi eleito Bush, que debilitou significativamente a legitimidade democrática perante amplos setores aliados ao *modelo político estadunidense*: bipolar na forma, unipolar na essência. O ano passado, 2002, explodiu o escândalo das empresas *ponto com*, até essa época consideradas o *motor* propulsor da economia; uma das mais prestigiadas, considerada o paradigma da *sociedade da informação*: *World Com* quebrou por corrupção sistemática. As principais empresas de contabilidade vinculadas a essa companhia seguiram o mesmo caminho. Novamente a CNN anuncia, durante os primeiros meses de 2003, que sua matriz AOL/TIME está sendo investigada pela “*malha fina da Receita*” por negócios obscuros estilo *World Com*. Constatase, como aconteceu no Japão em inícios dos anos 1990, que as formas fraudulentas, corruptas, enganosas e ilegais de funcionamento sistêmico não são exclusivas dos regimes subalternos no capitalismo. Para os Estados Unidos nas circunstâncias atuais isso é extremadamente grave, dado que os *sistemas de confiança*, um dos alicerces da “*transparência/reflexiva pós-industrial*”, entraram em crise agravando ainda mais a desaceleração econômica.

A agressividade militar do projeto geopolítico de *democracia imperial* tem fatores muito concretos de realização; os indicadores *entrópicos* confluem e advertem problemas cruciais para a *formação social estadunidense*; entre eles é sintomático, sem dúvida, a degradação das suas elites, vetor-chave na desestruturação de formações hegemônicas na história como foram os casos de Roma, Espanha e União Soviética. Juntam-se nesse quadro a crescente corrupção, o déficit insustentável da balança, os sistemas de contabilidade fictícios, os partidos políticos burocráticos [continuam usando os mesmos recursos de simulacro, espectacularização, show e geração de impactos que na Segunda Guerra Mundial].

Nestes cinquenta anos muita coisa mudou na *semiosfera* mundial: o etnocentrismo militarista resulta perigoso, hoje, até para o Vaticano; as idéias de uma cultura superior que deve ser imposta ao conjunto do planeta (doutrina Bush), nem na época de Hitler foram bem aceitas pela grande maioria das sociedades e dos povos. A hipervaloração do poder militar, como tem demonstrado a história reiteradamente, gera fraqueza de pensamento e degradação



dos valores éticos; a agressão ao débil mancha ao poderoso e gera forças inconteníveis de rejeição.

Constituição de uma comunidade científica latino-americana

É salutar um deslocamento do cenário das lógicas hegemônicas para uma reflexão que nos leva para a história da produção de conhecimento de nossos povos; ela revela elementos cruciais de invenção de saberes nas várias e diversas culturas que formam América Latina.¹⁷ O olhar histórico é crucial para explicar as hegemonias contemporâneas e as possíveis estratégias para desestruturá-las; avaliar e refletir sobre os processos de constituição de *campos de conhecimento*, nas principais formações sociais que confluem nas estruturações históricas da região, possibilita formular planos de construção de uma *comunidade científica latino-americana*.

Uma visualização ampla sobre a história milenar das culturas de *Nossa América* revela a existência de profundos e sistemáticos conhecimentos matemáticos, ecológicos, políticos, sociais, filosóficos, astronômicos, geográficos e comunicacionais. Ao lembrar dos sistemas de distribuição de alimentos, recursos, informações, medicamentos e organização social dos incas, aztecas e maias constatamos a forte involução socioeconômica e cultural que significou a Colônia para os povos andinos, mesoamericanos e do conjunto do subcontinente.

O positivismo estruturou uma infraestrutura tecnológica importante que, contudo, não tomou em conta o bem-estar das pessoas. As construções civis, as indústrias, as redes de caminhos, os sistemas de informação, o conjunto de estruturas e ambientes gerados pela *modernidade capitalista* oferece modos e formações de vida sofisticados em alguns sentidos e extremadamente selvagens em outros. Transformar essa situação exige, como uma de suas condições necessárias, a construção de *fortalezas de conhecimento* que pesquisem, explorem,

¹⁷ É orientador num sentido histórico epistêmico o livro de Eli de Gortari, *La ciencia en la historia de México*, principalmente o capítulo III: “*El desarrollo de la ciencia indígena*”, p. 61-120. São ilustrativas as pesquisas de Lévi-Strauss nos trópicos brasileiros, que fundamentaram o modelo *estrutural* na antropologia. Resultam instigantes as pesquisas soviéticas e norte-americanas sobre os saberes no império Inca e na cultura Maia-Quiché. São esclarecedoras as investigações dos pesquisadores latino-americanos sobre as culturas ancestrais, nessa perspectiva são obrigatórias as referências a Pedro Vicente Maldonado, Luciano Andrade Marín, Luis Andrade Reimers, José María Arguedas, Pedro Fermín Cevallos, Waldemar Espinoza Soriano, Emilio Estrada, Pablo González Casanova, Jacinto Jijón e Caamaño, Luis Lumbreras, Segundo E. Moreno

experimentem, colem e formulem saberes estratégicos para a mudança social, política, cultural e econômica de nossas *formações sociais*.

No campo da comunicação o desafio apresenta-se numa linha complexa de construção de campo simultânea à construção de espaços de trabalho cooperativo entre pesquisadores, comunicadores, estrategistas e comunidades. O pragmatismo simples, acomodado e funcional nos projetos de comunicação popular, comunitária e transformadora necessita ser questionado por uma crítica profunda e construtiva que busque modelos de participação inventivos. É imprescindível romper com o *senso comum fácil* nos movimentos sociais, nos meios de comunicação alternativos e nas organizações de comunicadores (jornalistas, publicitários, relações públicas, assessores, produtores, técnicos e artistas). As federações, sindicatos, grupos, redes e meios são demandados pela necessidade de construir conhecimentos, competências e habilidades de caráter político, estético, técnico, ético, administrativo e econômico.

Esses requerimentos do *campo comunicacional popular* só podem ser desenvolvidos com força e aprofundamento transformador se confluem com a configuração de *comunidades científicas transformadoras*. Na comunicação temos a vantagem que América Latina tem produzido relevantes conjuntos de pensamentos, teorias, que abordam problemáticas culturais críticas. A conjuntura histórica reclama uma visão prospectiva que fundamente e inicie a construção de *comunidades de pesquisadores* articulados na edificação de programas, projetos de pesquisa, planos de cooperação contínua e de estruturação de *comunidades de pesquisa* e produção de conhecimento em nível latino-americano. Elas são imprescindíveis para a geração de outros mundos; define-se, por tanto, um vínculo profundo entre pensamento estratégico e ação. A categoria de *práxis* retorna avassaladoramente nas nossas reflexões, experimentos e observações; a ruptura das hegemonias, dependências, heteronomias e subjugações passa pela teorização forte de estratégias político comunicacionais que desestruturem os atuais sistemas de dominação.

Pensar politicamente a comunicação requer, por exemplo, refletir sobre a proposta de Octavio Ianni a respeito do *Príncipe Eletrônico*,¹⁸ que argumenta sobre o processo de

Yáñez, Alfredo Pareja Diezcanseco, Eugenio de Santa Cruz y Espejo e Rafael Almeida Hidalgo, para citar alguns entre os numerosos e relevantes construtores de conhecimento no nosso subcontinente.

¹⁸ A formulação desta argumentação é trabalhada no livro *Enigmas da modernidade- mundo*, no capítulo VI, p. 139-166.



mediatização no campo político mediante o atravessamento substancial das lógicas, estratégias e configurações técnicas do midiático no político. A *informatização*, o *globalismo* e a *mediatização*, como fundamentávamos anteriormente, mudaram as condições reais, históricas e culturais. Pensar a política em termos dos modelos medievais ou do século XIX é importante em termos históricos, é redutor em termos prospectivos transformadores; até o *príncipe partido* definido por Antonio Gramsci, na primeira metade do século XX, já não é suficiente –ainda que necessário– para pensar a dimensão política. A *tecnopolítica* requer do conhecimento de técnicas, gêneros, estéticas, narrativas, ambientes e temporalidades comunicacionais, midiáticas; não por etnocentrismo dos *comunicólogos* e sem por consideração da realidade sistêmica, estrutural das *formações sociais* atuais. Mudar a sociedade e o mundo para formas socialistas solidárias, humanitárias, democráticas e diversas leva recorrentemente à necessidade de estabelecer como premissa epistemológica [práxis reflexiva inventiva] a junção dos movimentos sociais e culturais com as *comunidades de pensamento* prospectivo transformador em construção.



BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Inesita. *Mercado simbólico: interlocução, luta e poder*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 (Tese de doutorado).
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*, Bauru/SP:Ed. Edusc, 1999.
- HENN, Ronaldo. *Os fluxos da notícia*, São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2002.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GARCÍA, Néstor. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- GORTARI, Eli de. *La ciencia en la historia de México*. México: Grijalbo, 1980.
- MALDONADO, Alberto Efendy. *Teorias da comunicação na América Latina/enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón*, São Leopoldo/RS: Unisinos, 2001.
- et. al. “Dimensões comunicacionais: ideológica, fundacional e receptiva”, in *Coletânea Mídias e Processos Socioculturais*, São Leopoldo/RS: PPGCC-Unisinos, 2000, p. 137-158.
- ”Da semiótica à teoria das mediações”, in *O percurso intelectual de Jesús Martín Barbero*, São Bernardo do Campo: Ed. Umesp, 1999.
- MARTÍN BARBERO, Jesús. *O ofício de cartógrafo/Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*, Santiago do Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- MATTELART, Armand. *Geopolítica de la cultura*, Montevideo: Ed. Trilce, 2002.
- . *A invenção da comunicação*, Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- & Michèle. *História das Teorias da Comunicação*, São Paulo: Loyola, 2000.
- MUNIZ, Sodrê. *Antropológica do espelho*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- RODRIGUES, Adriano. *Comunicação e cultura/A experiência cultural na era da informação*, Lisboa: Presença, 1994.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico, científico e informacional*, São Paulo:Hucitec, 1994.
- SOROS, George. *A crise do capitalismo global: os perigos da sociedade globalizada—uma visão crítica do mercado financeiro internacional*, Rio de Janeiro: Campus, 2001.